

PAULO
DARZÉ
GALERIA

— O BASTARDO —

Arquétipos



Abertura

22 de julho • 19h

Exposição

até 23 de agosto de 2025

**Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador**

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A



A boy and his skateboard, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 160 x 120 cm



Abre caminhos, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 160 x 120 cm

O Bastardo nasceu em 1997, em Mesquita, na Baixada Fluminense, e começou a se expressar com o spray nas mãos e o grafite nas ruas aos 15 anos, quando já ensaiava um diálogo artístico entre o íntimo e o coletivo. Entre memórias familiares e inquietações sociais, o artista foi traçando sua trajetória até as salas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e da École des Beaux-Arts de Paris.

Sua obra passeia por videoarte, pintura e suportes urbanos e é marcada por um gesto poético e político: dar visibilidade a novos protagonistas, reconfigurar imagens da população negra e romper com narrativas convencionais. Ao misturar vivência e estética, o artista transforma sua autobiografia em território de pertencimento, empoderamento e reinvenção.





O único e maior fenômeno, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm

Arquétipos



Na exposição *Arquétipos*, O Bastardo aprofunda sua investigação visual sobre a ancestralidade negra e seus desdobramentos simbólicos no presente, transformando suas figuras em portais entre passado, presente e futuro. A série de obras aqui apresentadas parte de arquétipos ancestrais para tensionar o modo como essas imagens fundadoras atravessam a diáspora e se atualizam em corpos e narrativas contemporâneas.

Aqui, figuras como Exu não aparecem como alegoria ou exotismo, mas como presença ativa: energia em movimento, divindade cotidiana, ponte entre mundos. Exu, mensageiro e senhor das encruzilhadas, é encarnado como ideal filosófico e espiritual que orienta a liberdade radical do povo preto — e, nessa chave, suas aparições nas telas são também ensaio político, educativo e afetivo.

Com sua paleta de cores vívidas — amarelos solares, verdes terra e azuis cósmicos —, o artista propõe uma nova iconografia para corpos pretos, em que a herança ancestral não é evocada como vestígio, mas como potência viva e atual.

O amarelo de Oxum desenha a cor dos cabelos, a bola de basquete, a coroa na cabeça, o detalhe no boné, a camiseta da seleção, o dread com miçangas, a estrela e o desenho de onça dispostos na cabeça dos modelos negros, que são aqui entendidos como sinônimo de orgulho.

Azul de Ogum e Iemanjá é também a cor de chegada para o artista. Ela serve como fundo de tela, como alusão ao céu e ao mar, mas também como base para a ostentação de marcas de luxo. Marcas de *status* têm um papel importante nesse vocabulário de O Bastardo. O símbolo da Louis Vuitton insinuado ao fundo, a palavra Nike na jaqueta, o Speed Cat no capacete e o DriveFast no boné se transformam em ícones de comunidade negra. Pois, nesse trabalho, o que se representa não é a vitimização, mas a agência; não a escravidão do passado, mas a liberdade utópica do presente e do futuro.

Verde, cor de Oxóssi, desenha a diferença. Diferença que destaca o personagem central; diferença no moletom caprichado, no casaco de marca. O azul reina, mas é o verde que sublinha, assinala, desloca e chama pela força dos aquilombamentos contemporâneos.

Nessa exposição, pois, O Bastardo reivindica outra linguagem: aquela que se constrói pelo afeto, pela reinvenção e pela escuta ancestral. Se os retratos

acadêmicos consagraram o poder da branquitude sob símbolos de autoridade e domínio, já na obra desse mensageiro, o gesto artístico se ancora em um afrofuturismo de base — aquele que não busca a estética da ficção científica apenas, mas sim o futuro possível gestado no presente por mãos negras. É um afrofuturismo terrestre, de chão batido e sabedoria herdada. Os corpos retratados projetam esse tempo porvir com os recursos que ontem lhes foram negados, mas que hoje são aqui cultivados, praticados, encarnados.

Como em outras fases do trabalho do artista, as referências aos símbolos urbanos — marcas de moda, tênis, cortes de cabelo, elementos visuais da cultura — não são meras citações. Funcionam como códigos internos, afirmações de pertencimento, camadas de construção de identidades. Aqui, no entanto, esses elementos se fundem aos signos religiosos e filosóficos da cosmologia africana, traçando um arco que vai do orixá ao sneaker, da encruzilhada ao estúdio de tatuagem, do terreiro ao trap.

“O Bastardo aprofunda sua investigação visual sobre a ancestralidade negra e seus desdobramentos simbólicos no presente, transformando suas figuras em portais entre passado, presente e futuro”

Arquétipos é uma exposição que propõe a reconstrução de imagens universais a partir de uma centralidade negra — múltipla, plural, espiritual e política. Se toda pintura carrega um passado, a de O Bastardo também ensaia um amanhã. Um amanhã que escute seus mais

velhos para que os mais novos possam criar sem medo. E assim, o artista nos lembra que a verdadeira revolução das imagens começa quando nos vemos nelas — inteiros, múltiplos, complexos.

O azul contrastado com as peles negras, as roupas e adereços, os modelos – tão plenos nesses retratos – fazem do conjunto da obra um documento belo e utópico deste Brasil ainda tão desigual e que continua a clamar por democracia.

Lilia M. Schwarcz



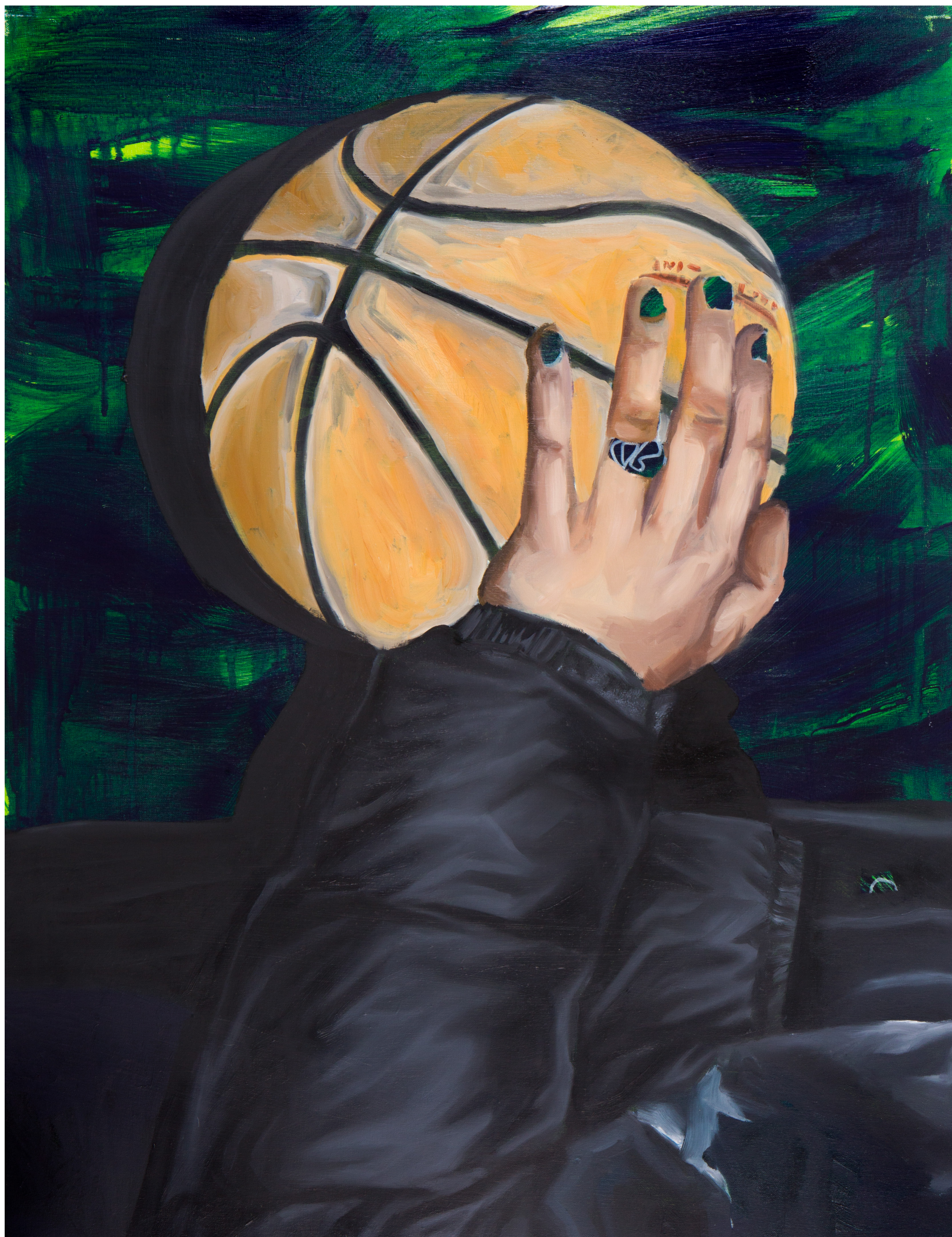


The girl with the flower earrings, 2025
óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



Balotelli, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm



Ghetto princess, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm

Sua obra reflete com ênfase a visibilidade de personagens pretos. Sua abordagem contemporânea propõe a arte como ferramenta para uma reescrita histórica, criando passado e futuro?

Acho fundamental exercitar formas de se repensar, refletir e, em diversos momentos, usar o meu trabalho como uma forma direta de reescrever uma história que, por si só, optou por retratar o povo preto de maneira tendenciosa, degradante e obscura. Vejo, em muitos casos, a necessidade de usar intencionalmente o recurso artístico até mesmo para apagar e recriar certos “fatos históricos”, partindo do princípio de que há acontecimentos que exigem ser reimaginados.

Pintar é a sua maneira de lidar com o real?

Eu diria que pintar — que a minha pintura — é mais sobre aquilo que eu desejaria para o real, no real. É uma forma de reivindicação por meio dos retratos, dos painéis com narrativas complexas... Coisas que desejo para o presente e o futuro e, quando necessário, para repensar o passado.



Fashionista, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm

Há uma temática na sua obra atual ou anterior relacionada com sua história pessoal? É um diálogo cotidiano entre arte e vida? Qual seu processo de criação e trabalho?

A cultura das comunidades pretas da diáspora, no Brasil e no mundo, sempre foi um tema central na minha obra — algo que pesquiso, observo e retrato até hoje, e que provavelmente vai me acompanhar ao longo de toda a vida. Tudo o que envolve esse tema interfere, soma, provoca algo no meu processo de criação e produção.

Desde os hábitos e formas de pensar do graffiti e da rua até as convenções estéticas e sociais de diversas culturas negras, esse universo nunca se esgota. Seguimos vivos, criando, redescobrimos. Há detalhes na minha linguagem que vêm de gestos simbólicos cotidianos — como o ato de uma mãe abençoar o filho antes de ele sair de casa — até elementos estéticos e conceituais mais complexos, que estão profundamente presentes no meu processo de maneira ampla e contínua.



A world in my mind II, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



Sabotage, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



A world in my mind, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



Brothers, 2025
óleo sobre linho • 160 x 120 cm



King, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm



***“O Bastardo reivindica outra linhagem:
aquela que se constrói pelo afeto, pela reinvenção
e pela escuta ancestral”***



I'm not shy, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm



Believer, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025
óleo sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025
óleo sobre linho • 60 x 60 cm



Fé, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



Star boy, 2025
óleo e acrílica sobre linho • 92 x 72 cm



S/ título, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm



Forever, 2025

óleo, acrílica e caneta posca sobre linho • 92 x 72 cm

Coordenação

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto

Lilia Schwarcz

Fotografias das obras

Márcio Lima

Produção executiva

Cica Lima

Patricia Nunes

Patricia Ribeiro

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Júnior

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

Assessoria e revisão

Claudius Portugal

